



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DE PODER NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

EBLING, Sandra Beastris Diniz¹
FONSECA, Falkembach Elza Maria²

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em verificar as pesquisas que foram realizadas no período de 2000 a 2009, acerca da educação em saúde, referente à mulher assentada do Movimento Sem Terra (MST), compreendendo a mulher assentada como “*um sujeito que está inserido num espaço de lutas para seus direitos de forma igualitária*”. (COELHO *et al*, 2006, p.7) O que nos remete a pensar a educação em saúde numa perspectiva emancipatória, percebendo esta mulher na sua totalidade.

Para a efetivação deste estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica em fontes eletrônicas, elegendo o SCIELO como fonte de pesquisa de dados, utilizando somente este espaço como lócus deste estudo pelo fato de que o SCIELO é uma fonte reconhecida pelo CNPq e abarca artigos científicos de qualidade.

Ressalta-se a relevância deste estudo ao passo que, desenvolver uma pesquisa junto às mulheres Trabalhadoras Rurais Assentadas implica na compreensão de um conjunto de aspectos que englobam as questões psicológicas, sociais, biológicas, sexuais, ambientais e culturais. Partindo desta concepção, torna-se necessário superar o enfoque biologicista e medicalizador que ainda é presente nos serviços de saúde, sendo assim, é importante a adoção do conceito de saúde integral e de práticas que considerem as experiências das mulheres com sua saúde (MANTAMALA, 1995, *apud* BRASIL, 2004).

Dessa forma, a educação em saúde assume papel relevante para a redução das desigualdades sociais e inclusão social, e ainda, a melhoria da qualidade de vida da população, incorporando as diretrizes de integralidade e humanização da atenção à saúde no âmbito do SUS (OLIVEIRA, 2005).

Com relação às mulheres, como contempla POCHMANN (1999, p. 23) “[...] necessitam de políticas ativas, como sujeitos de classe, e não só por vulnerabilidades específicas. Necessitam de

1 Enfermeira Especialista em Saúde da Família e aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul UNIJUI, Contato: Fone: (55) 9631-3931; E-mail: sandra.ebling@yahoo.com.br

2 Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC e Docente do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul UNIJUI. Endereço: Rua do Comércio n: 1296 – telefone- 0553332-2432



políticas sociais que enfrentem o cenário neoliberal, a precarização do mercado de trabalho, o aumento da exclusão social”.

Sendo assim, inicialmente a busca foi realizada utilizando as palavras chaves: educação + saúde + mulher MST, diante destas palavras não foram encontrados resultados que englobassem a proposta do estudo. Outras tentativas foram realizadas, porém sem êxito. Dessa forma, percebeu-se que este estudo deveria ser redimensionado para buscar- nos diferentes estudos, artigos que contemplassem tais temáticas, porém sem estar diretamente associados.

Dessa forma, iniciou-se utilizando as palavras “mulher do MST”, nessa pesquisa foram encontrados cinco artigos que fazem referência aos direitos da mulher, a construção de uma nova mulher, relações de poder e direitos das mulheres do MST. Destaca-se que esta pesquisa foi realizado através do SCIELO, porém todos os artigos encontrados foram publicados na revista de estudos feministas, um dado que é interessante, pois percebe-se que existem poucas produções sobre tal temática.

A segunda busca, a partir das palavras chaves “educação + saúde+ mulher” nesta pesquisa foram encontrados, 104 documentos, os quais na sua grande maioria faziam referência à doenças e não como a mulher como sujeito ativo na tua integralidade, o que não está sendo focado nesta investigação. Utilizou-se então, as palavras “educação e saúde da mulher”, nesta pesquisa foram encontrados 20 registros, dos quais se elegeu dois para o aprofundamento e posterior discussão, visto que tais estudos contemplam relações de gênero e relações de poder na educação e saúde.

A MULHER DO MST

Como já foi citado anteriormente, na primeira tentativa não foram encontrados resultados, dessa forma, a pesquisa foi realizada de maneira fragmentada, na perspectiva de buscar dentro das diferentes pesquisas dados que contemplem a temática deste estudo.

Desse modo, a partir das palavras “mulher do MST”, evidenciou-se a repetição de aspectos, pois, a maioria das discussões se referem à mulher rural frente ao trabalho, percebendo esta como alguém que participa dos afazeres da comunidade e ainda realiza os trabalhos domésticos e cuida dos filhos e na família em geral.

Outro estudo trata de uma breve síntese de uma tese de doutorado realizada em diferentes assentamentos do MST no estado de SC. Propõe discussões sobre os direitos alcançados pelas mulheres do MST, salientando que estas vitórias ainda se referem à política, devido à exigências governamentais e lutas feministas.



Dessa forma, percebe-se que as discussões acerca das mulheres do MST, ainda se fixam em discussões acerca dos direitos trabalhistas e das lutas que vem sendo traçadas dentro de um grupo de lutas sociais.

Em uma das pesquisas encontradas, a seguinte fala foi apresentada:

Para a autora, não se fala, por exemplo, do corpo, do sexo, de sexualidade, que são questões tratadas ainda de forma unilateral e preconceituosa, como se as mulheres não tivessem outros direitos além dos políticos. Cristiani apresenta alguns documentos do MST que ainda se fixam na oposição masculino feminino e fundamentam essa binariedade nas referências à mulher como “mãe”, “natureza” e “gravidez”, que são muitas vezes sinônimos da própria causa do MST: a Terra. Esses aspectos ainda reafirmam o lugar da mulher na natureza e dos homens na cultura. (KARPINSKI, 2006, P.822)

Nesse sentido, fica clara a falta de atenção à mulher assentada, principalmente no que se refere à sua feminidade, à estratégias de cuidado de si, sendo que de uma maneira geral as pesquisas, na grande maioria das vezes, falam apenas de lutas, vitórias, tendo como foco central questões políticas.

Educação em saúde num enfoque de gênero / construção social

Nos artigos encontrados referentes à educação em saúde, se percebe a grande predominância nos estudos referentes ao corpo, no caso das mulheres, principalmente à gravidez, métodos contraceptivos e DST's. As palavras que foram utilizadas foram “educação e saúde da mulher”, tendo ao término da pesquisa encontrado 20 artigos, dos quais, somente dois atendiam os requisitos desta pesquisa.

No que diz respeito à saúde da mulher do movimento sem terra, nesta pesquisa (com base nas palavras chaves utilizadas), não foram encontrados estudos acerca da educação em saúde.

Porém muito se fala acerca da atenção à saúde da mulher. De acordo com uma das pesquisas evidenciadas, pode-se destacar os direitos alcançados pelas mulheres nos últimos anos:

A grande maioria das garantias está relacionada à gestação, maternidade e responsabilidades familiares – cerca de 80% do total. Os outros 20% estão distribuídos entre os temas condições de trabalho (com 8%), exercício do trabalho (menos de 2%), saúde (em torno de 5%) e equidade de gênero (próximo a 4%). (SANCHES; GEBRIM 2003, p 115)

Estes dados são muito importantes, pois nos remetem a reflexão acerca da saúde e da equidade de gênero, que ainda são colocados de lado, quando se fala em mulher de uma maneira geral. Assim, pensar a educação em saúde numa perspectiva de construção social, ainda exige uma longa caminhada e maior atenção das políticas referentes à saúde da mulher, em especial das mulheres assentadas.



As relações de poder

Os estudos aqui evidenciados acerca das relações de poder destacam a mulher como ativa nas discussões políticas e sociais, apresenta a mulher como alguém que desde a década de 80 vem ocupando lugares que antes só eram ocupados por homens, porém ainda aponta para preconceitos, para uma mulher que além de trabalhar ainda é responsável por cuidar da casa e da educação dos filhos.

Um dos artigos encontrados, uma dissertação de mestrado, consiste em discutir a participação das mulheres nas lutas do MST e principalmente nas discussões em grupo. Destaca que muitas das mulheres que fazem parte do movimento não participam e se organizam, pois não possuem condições de se ausentar, ou seja, no estudo a autora deixa claro, que muitos dos maridos criam empecilhos para que suas mulheres dentro do movimento não sejam ativas e fiquem apenas responsáveis pelos afazeres domésticos e das cooperativas.

Além de as mulheres e de os homens não cumprirem as mesmas jornadas diárias, passíveis de serem convertidas em alimentos e/ou dinheiro, percebido, em meio aos discursos acerca das relações de gênero que permeavam a organização/divisão sexual do trabalho no assentamento, que esses sujeitos também não integravam os setores do mesmo modo. (SALVARO, 2004, p. 327)

Partindo do fragmento retirado de um dos artigos encontrados, é possível perceber que mesmo que se fale em igualdade de gênero, nas ações dos grupos sociais fica claro a diferença que existe entre homens e mulheres.

Pode-se ainda utilizar o seguinte trecho que se encontra na mesma pesquisa: a autora ressalta "uma correspondência entre a hierarquia na família, na profissão e na sociedade que produz configurações extremamente diferentes nos status sociais e nas relações de poder".

A MULHER EMANCIPADA

Para melhor articular este artigo considerou-se importante considerar a emancipação da mulher como fundamental para a obtenção de seus direitos. Na busca utilizando as palavras chaves "mulher emancipada", não foram encontrados resultados, assim, optou-se por utilizar as palavras "feminismo e saúde", sendo que desta pesquisa surgiram 9 artigos, dos quais um deles fez referência à emancipação da mulher.

Destaca-se que nesta pesquisa que o artigo encontrado pouco contempla a mulher na sua emancipação e fala brevemente sobre as conquistas que foram alcançados nos últimos anos, como se não houvessem, relações de poder e diferenças entre homens e mulheres.



Dessa forma, compreende-se que a emancipação pode ocorrer ao ser oferecida aos indivíduos a oportunidade de se perceberem como “escritores” da própria história e não meros espectadores, submissos às imposições de outrem, o que é politicamente relevante, posto que a raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão (FREIRE, 2004, p. 110).

Discussão: entrelaçamento entre a mulher assentada no contexto da educação em saúde

Este estudo inicialmente consistiu em um levantamento de dados acerca da educação em saúde para a mulher dos movimentos sociais do MST, porém por mais que a pesquisa seja de certa forma restrita, concluiu-se que seria pertinente lançar algumas questões acerca da mulher rural sob um ponto de vista diferente.

Este artigo compreende a mulher sob outro enfoque, que não entende a mulher apenas como um corpo, mas sim como um todo, alguém que deve lutar pelo seu espaço na sociedade. E a educação em saúde, nesta perspectiva, deve proporcionar às mulheres rurais dos movimentos do MST, discussões e reflexões acerca da sua própria constituição, como mulher, como sujeito ativo dentro da sociedade.

[...] o assentamento como lugar específico de produção de existência humana está inserido em contextos mais amplos, que incluem as relações sociais que configuram a sociedade em suas diferentes dimensões políticas, econômicas, entre outras. (SALVARO, 2004, p. 324)

Assim, ao realizar esta pesquisa torna-se relevante destacar que ainda há concepções restritas que abordam apenas aspectos da biologia, anatomia do corpo feminino, estas são restritas, vendo a mulher apenas na sua função reprodutiva e a maternidade torna-se seu principal atributo. Sendo assim, torna-se necessária uma visão mais ampla em que possam interagir dimensões da feminidade, no qual é fundamentado sobre a maneira de ser “Mulher”, pois se trata de construções a partir dos contextos sociais em que as pessoas vivem. (BRASIL, 2004, p.21).

É justamente a consciência do inacabamento que necessita impulsionar as ações de educação em saúde, pois resgata um dos principais aspectos da educação: aprender a aprender sempre.

Considerações finais



Como este estudo fez uso de apenas um local da internet para busca de dados, acredita-se que é de extrema relevância o aprofundamento das pesquisas, pois se evidenciou a precariedade de pesquisas que evidenciam a mulher em todos os aspectos.

Dessa maneira, as práticas de educação em saúde precisam privilegiar a aquisição de informações e conhecimentos, por meio do diálogo. Como a experiência de democratização é recente e, por muitos anos, as camadas populares foram privadas de participação, um programa de educação em saúde necessita iniciar pelo encorajamento dos indivíduos a retomarem sua capacidade de pensamento e ação.

As propostas de educação em saúde necessitam, pois, respeitar os saberes prévios dos indivíduos, despertar-lhes a capacidade de reflexão, de diálogo com pessoas que vivenciam situações semelhantes e propiciar-lhes o acesso a informações relevantes. Esse conjunto de fatores possibilitará às mulheres perceberem-se como capazes de aprender e de se emanciparem. Para isso, é necessário que os profissionais da área da saúde se empenhem em “reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar os objetos cognoscíveis. “[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2004, p. 33-4).

Para finalizar, este estudo foi de extrema valia, ao possibilitar o maior envolvimento com as pesquisas que vem sendo desenvolvidas na última década, e motivar a continuar pesquisando tal temática, contribuindo assim, para a melhoria no que se refere à educação em saúde e também para as pesquisas no campo científico.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **HIV/AIDS Perguntas e respostas**. São Paulo (SP): Editora Atheneu, 2002.

_____. **Constituição Federal de 1988**. Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília (DF), 1988.

_____. **Política Nacional de Atenção Integral à saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FREIRE, M. **O que é um grupo**. In: Grossi EP, Bordin J. Paixão de aprender. 7 edição; Petrópolis (RJ): Vozes; 1995.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2004.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta Pela Terra e o MST**. 2001.

OLIVEIRA, Fátima Bayma de & Istvan Karoly Kasznar (org). **Educação Corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências**. Pearson Education, 2005.

POCHMANN, Mário. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.

PORCHAT, Ieda. Pensando a Dor da Separação Conjugal. In: **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COELHO, Elza Berger Salema; CALVO, Maria Cristina Marino; COELHO, Clair Castilho (orgs.). **Saúde da mulher: um desafio em construção**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2006.

Sites da Internet

BRITO, Jussara Cruz de. **Enfoque de gênero e relação saúde/trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2000, vol.16, n.1, pp. 195-204. ISSN 0102-311X. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000100020&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

DEERE, Carmen Diana. **Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol.12, n.1, pp. 175-204. ISSN 0104-026X. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100010&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

D'OLIVEIRA, Ana Flávia P. Lucas. **Saúde e Educação: a discussão das relações de poder na atenção à saúde da mulher**. *Interface (Botucatu)* [online]. 1999, vol.3, n.4, pp. 105-122. ISSN 1414-3283. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831999000100009&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

KARPINSKI, Cezar. **Além do embate o sujeito: a construção de um 'novo' homem e uma 'nova' mulher no MST**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol.14, n.3, pp. 820-823. ISSN 0104-026X. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300015&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Formação de educadores e contexto de trabalho: contribuições da investigação-ação às práticas educativas-assistenciais**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2007, vol.33, n.2 ISSN 1517-9702. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000200004&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

SALES, Celecina de Maria Veras. **Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2007, vol.15, n.2, pp. 437-443. ISSN 0104-026X. Disponível



em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200010&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto. **Jornadas de trabalho de mulheres e homens em um assentamento do MST.** Rev. Estud. Fem. [online]. 2004, vol.12, n.1, pp. 321-330. ISSN 0104-026X. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100017&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

SANCHES, Solange and GEBRIM, Vera Lucia Mattar. **O trabalho da mulher e as negociações coletivas.** Estud. av. [online]. 2003, vol.17, n.49, pp. 99-116. ISSN 0103-4014. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300007&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

SILVA, Cristiani Bereta da. **Relações de gênero e subjetividades no devir MST.** Rev. Estud. Fem. [online]. 2004, vol.12, n.1, pp. 269-287. ISSN 0104-026X. Disponível em: SciELO Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100014&lang=pt. Acessos em 12 fev. 2010

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia Assunção. **Grupo feminino de cuidado: estratégia de pesquisa-cuidado à mulher.** Rev. bras. enferm., Brasília, v. 62, n. 3, jun. 2009. Disponível em: SciELO Brasil. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 12 fev. 2010.